

16º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2025

RANKING DO PODER ECONÔMICO: UM ESTUDO SOBRE 100 EMPRESAS DA BOLSA DE VALORES (B3)

GIOVANA VICENTE MOREIRA¹, GLAUBER EDUARDO GONÇALVES²

¹ Aluna do curso Técnico em Administração Integrado ao Ensino Médio, Bolsista PIBIFSP, IFSP, Campus Birigui, geovana.moreira@ifsp.edu.br

² Professor de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico da área de Gestão, IFSP, Campus Birigui, glauberbirigui@ifsp.edu.br

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 7.02.07.00-3 Outras Sociologias Específicas

RESUMO: A financeirização dos mercados tem sido um importante fenômeno na discussão das novas configurações do poder das grandes organizações. O objetivo deste trabalho é comparar *rankings* de empresas institucionalmente vinculadas à Bolsa de Valores (B3) aos rankings que incluem empresas não vinculadas e com desempenho econômico similar. A partir da comparação entre *rankings* obtidos a partir das 1000 maiores empresas instaladas no Brasil. A identificação de uma lista com as 100 maiores empresas presentes na B3 também proporcionou a criação de uma segunda lista com 348 empresas com desempenho similar e não obrigatoriamente vinculadas à B3. A comparação entre as duas listas possibilita discutir critérios de performatividade e governança utilizando em diferentes *rankings*, verificando duas maneiras distintas de configuração do poder para o caso do capitalismo brasileiro

PALAVRAS-CHAVE: Financeirização; Elites; Poder; Rankings; Corporações.

RANKING OF ECONOMIC POWER: A STUDY ON 100 COMPANIES OF THE STOCK EXCHANGE (B3)

ABSTRACT: The financialization of markets has been an important phenomenon in the discussion of the new power configurations of large organizations. The aim of this paper is to compare rankings of companies institutionally linked to the Brazilian Stock Exchange (B3) with rankings that include non-linked companies with similar economic performance. This study compares rankings obtained from the 1,000 largest companies operating in Brazil. Identifying a list of the 100 largest companies listed on B3 also led to the creation of a second list of 348 companies with similar performance but not necessarily linked to B3. The comparison between the two rankings allows for a discussion of performativity and governance, identifying two distinct ways of power configuration in Brazilian capitalism.

KEYWORDS: Financialization; Elites; Power; Rankings; Corporations.

INTRODUÇÃO

As transformações dos modelos de governança das grandes empresas e a influência da financeirização tem mudado os modelos de negócio, as formas de comando e controle das empresas. Por isso, torna-se cada vez mais importante entender as transformações sociais que as elites dominantes do capitalismo nacional passaram na condução dos grandes negócios (Bourdieu, 2005; Grun, 1999).

Os *rankings* de empresas são formas de identificação das elites. Partindo da noção sobre *rankings* como elementos performativos do poder (Pühringer, Maesse e Rossier, 2025), apresentamos um modelo de comparação do caso da economia brasileira. Critérios como formas de origem de capital, origem de

propriedade e a classificação do setor econômico são elementos primários, mas fundamentais para compreender as visões de mundo das empresas - as chamadas “concepções de controle” (Fligstein, 1990) e ajudam a justificar a ordenação de *rankings*. O objetivo deste trabalho é comparar dois diferentes *rankings* de empresas para verificar semelhanças e distinções na configuração do poder econômico.

Institucionalmente, as empresas vinculadas à Bolsa de Valores (B3) apresentam maior relação com a financeirização. Sendo assim, foram elaborados dois rankings: o *Ranking 1* que conta apenas com 100 empresas presentes na B3 e o *Ranking 2*, que incluem empresas da B3 às empresas não vinculadas e com desempenho econômico similar. Utilizando o conceito de concepções de controle (Fligstein, 1990), foram levantados alguns critérios como desempenho, propriedade, origem e setores econômicos de modo a discutir se a influência financeira mudou a visão de mundo dominante na preservação e nas disputas por posições de poder do topo econômico.

MATERIAL E MÉTODOS

A coleta de dados foi feita inicialmente a partir da revista Valor (2024). Através dessa publicação é possível ter acesso às 1000 maiores receitas líquidas obtidas pelas empresas brasileiras no ano de 2023.

Utilizando a literatura corrente sobre poder econômico, foram selecionadas as 100 maiores empresas ligadas à B3 (Bolsa, Brasil, Balcão). Essas empresas são consideradas como de capital aberto. Ao mesmo tempo foi criada uma segunda lista mais abrangente, que além das 100 maiores empresas ligadas à B3, com vínculo institucional financeirizado, foram incluídas as empresas de capital fechado brasileiras e as empresas subsidiárias das multinacionais estrangeiras. A Tabela 1 abaixo resume essa composição:

TABELA 1. Critérios de Elaboração dos Rankings.

	<i>Ranking 1</i>	<i>Ranking 2</i>
Nº de Indivíduos	309	100
Participantes	Participantes da B3; Cias Fechadas e Subsidiárias Multinacionais	Apenas os participantes da B3

Fonte: Elaboração própria

A partir da composição das listas, foram elegidos três critérios de desempenho econômico das empresas instaladas no Brasil: O perfil do desempenho econômico, a origem dos capitais das empresas e os setores econômicos, para fazer uma comparação entre a lista de empresas inscritas e não inscritas na B3, de modo a identificar diferenças em seus perfis de visão de mundo baseadas em concepções de controle.

A partir da técnica de prosopografia (Lunding et al., 2020), as empresas foram organizadas em duas planilhas: (i) a planilha “Ranking 1” que abrange as 309 empresas selecionadas e a planilha “Ranking 2” que restringe às 100 maiores presentes na B3. Nessas planilhas, as organizações foram dispostas em linhas, e as variáveis identificadoras dos perfis em colunas, resultando em uma matriz prosopográfica. As variáveis foram posteriormente categorizadas segundo sua frequência e semelhança entre as modalidades analisadas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para o *Ranking 1*, que contém as empresas de capital aberto, fechado e empresas internacionais não listadas na B3, os resultados revelaram maior concentração de empresas nacionais (74%) e 26% das empresas internacionais. Entre as empresas nacionais correspondendo a de capital fechado nacionais correspondem a número de 134 empresas. Já as internacionais correspondem a 105 empresas, sendo que as não listadas na B3 correspondem a 94. Quanto ao perfil de propriedade, apenas 12 empresas (3,88%) eram públicas, enquanto 96,12% eram privadas. Já entre os setores econômicos foi possível agregar os diferentes tipos de produção nas seguintes categorias: 42 empresas pertencentes ao setor do Agronegócio, 51 empresas no setor de Comércio (Varejo e Atacado), 55 empresas no setor de Energia (Distribuição de Energia Elétrica, Petróleo e Gás e Bioenergia), 100 empresas do setor Industrial (Alimentos, Mineração, Química, Fármacos, Medicamentos, Cosméticos, Veículos, Metalurgia,

Siderurgia, Celulose e Papel, Calçados e Vestuário) e por fim, o Setor de Serviços que conta com 61 empresas dos segmentos de Telefonia, Transporte, Serviços Públicos, Educação, Médicos e Atividades de Finanças. De acordo com o conjunto de frequência dominante, empresas nacionais, privadas do segmento industrial

Para o *Ranking 2*, para as empresas exclusivas na B3, verificou-se a predominância de 89% de empresas nacionais, em contraste com os 11 % de multinacionais estrangeiras. Essas empresas são oriundas da Europa (Espanha, França, Holanda, Luxemburgo, Portugal e Itália), América Latina (Peru), além de representantes dos EUA e Austrália. Em relação à propriedade, 96 % são empresas privadas (e privatizadas) como Embraer, Claro, Telefônica e apenas 4 % públicas, entre elas Petrobrás, Copel, Celesc e Copasa. Entre os setores produtivos, destacaram-se: 17 empresas relacionadas no setor de comércio (Atacadista, Varejista e Moda), 22% do setor de Energia (Distribuição de Energia Elétrica, Bioenergia e Petróleo e Gás), 30% do setor industrial (Alimentos, Celulose, Eletroeletrônica, Mecânica, Veículos e Peças, Química e atividades de mineração) e por último o setor de serviços, que corresponde a 31% (Serviços Públicos, Imobiliários, Médicos, Transporte e Telefonia). Neste caso pode-se dizer que empresas nacionais, privadas e do setor de serviços são majoritárias, como as empresas Oi, Azul, Localiza, Rede D'Or, Sabesp, entre outras). Ao mesmo tempo, as empresas públicas, internacionais e de setores menos frequentes não fazem parte das listagens. São exemplos menos frequentes empresas como Petrobrás (pública, nacional e do setor energético), que possuem posição de número 1 do *ranking* do Valor (2024).

Comparando-se as duas listas, nota-se que há diferenças entre os perfis dominantes dos *rankings*. Apesar do domínio predominante de empresas nacionais privadas nos dois rankings, entre os setores econômicos, o perfil industrial do *Ranking 1* perdeu peso em relação ao setor de serviços do *Ranking 2*. Entretanto, o número de setores que aparece no ranking 1 é maior do que no ranking 2, o que aponta para uma visão de negócios mais diversificada em termos setoriais. No conjunto mais amplo que envolve a lista geral com 309 empresas, foi possível observar uma natureza mais industrial em relação a presença de empresas industriais e do agronegócio, setores relevantes para a economia nacional e que não estão presentes na Bolsa de Valores (B3) com o mesmo peso relativo entre as empresas de elites.

De modo geral, os resultados apontam para concepções de controle distintas. Isso significa que as posições dos agentes de elites também são relativas, a partir do momento que se leva em consideração formas de *rankings* performativos diferentes. Nesse sentido, a institucionalização da B3 como um critério de financeirização aponta para distinções diferentes entre concepções de controle. Ao se levar em conta a frequência das categorias como um fator de dominância, isso influencia o desenho das disputas pela manutenção do poder, conforme discutido na teoria bourdieusiana (Bourdieu, 2005).

CONCLUSÕES

A literatura sobre *rankings* pode ser um importante instrumento para diagnosticar *gaps* no tema sobre concepções de controle. Nesse caso, as listas abrem discussão para diferenças de configuração dos perfis para a identificação das elites empresariais da economia brasileira. Os resultados mostram eventuais mudanças na configuração dos perfis performativos na comparação entre *rankings*. Listas mais amplas, não apresentam mudanças radicais, porém apresentam mudanças significativas na composição dos setores estratégicos para a economia. Isso não afirma que indústria e agronegócio, por exemplo, por não ter um peso tão significativo na lista da B3, não sejam financeirizados. Apenas apontam que critérios de governança corporativa são provavelmente distintos na manutenção das posições de poder.

Desse modo, a pesquisa abre possibilidades de análise de critérios institucionais orientados por governança corporativa para comparar rankings a partir da noção de concepções de controle financeiro e pelas disputas de poder. Por isso, novos testes com rankings podem incluir outros agentes, como empresas financeiras, nacionais e internacionais, o que possibilita novas comparações de desempenho a partir da concepção de controle financeiro. É importante reforçar que este estudo reconhece suas limitações e a necessidade de avançar nesta comparação. Apesar de simplificações no uso de categorias como origem do capital (nacional e internacional), formas de propriedade (público e privada) ou de setores econômicos genéricos, o aprofundamento dessas variáveis com categorias mais profundas - como os agentes e instituições das propriedades, por exemplo - podem trazer elementos mais sutis sobre

os regimes de governança, o que possibilita ampliar a discussão das distinções de concepções de controle em *rankings*.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

G.V.M contribuíram com a curadoria, análise dos dados, metodologia e redação do trabalho. G.E.G participou da supervisão do trabalho.

Todos os autores contribuíram com a revisão do trabalho e aprovaram a versão submetida

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é financiado pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo (PIBIFSP).

REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. O campo econômico. **Política & Sociedade**, Florianópolis, v. 4, n. 6, p. 15-33. 2005.

FLIGSTEIN, N. **The transformation of corporate control**. Cambridge: Harvard University Press, 1990.

GRÜN, R. Modelos de empresa, modelos de mundo: sobre algumas características culturais da nova ordem econômica e da resistência a ela. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 14, n. 41, p. 121-140, 1999.

LUNDING, J. A.; ELLERSGAARD, C. H.; LARSEN, A. G. The craft of elite prosopography. In: DENORD, F.; PALME, M.; RÉAU, B. (org.). **Researching elites and power: theory, methods, analyses**. Cham: Springer International Publishing, p. 57-70, 2020.

PÜHRINGER, S.; MAESSE, J.; ROSSIER, T. The power of rankings in economics and research organizations: an introduction. In: PÜHRINGER, S.; MAESSE, J.; ROSSIER, T. (eds.). **The Power of Rankings in Economics and Research Organizations: Contributions to the Social Studies of Economics**. London: Routledge, Cap. 1, p. 1-18, 2025.

VALOR. **Valor 1000: grandes empresas**. Valor Econômico, São Paulo, Dez. 2024. Acesso em 13 ago. 2025. Disponível em: <http://www.valor.globo.com/revistas>.